

Oposição rejeita pacto de Malan

Governistas apostam nas reformas como sinalização positiva para investidores estrangeiros

Aliton de Freitas/3-9-97

Rudolfo Lago

BRÁSILIA

Juros, câmbio, ataque especulativo, estabilidade, pacto. O eleitor brasileiro terá que se acostumar com todo esse economês. Na semana passada, o próprio presidente Fernando Henrique Cardoso sinalizou que a economia será o principal mote da campanha eleitoral deste ano. De olho no que acontece nos países asiáticos, os partidos e seus economistas apostam em situações opostas: as oposições prevendo o caos e os governistas acreditando que têm a solução para evitá-lo. Todos concordam, porém, que a crise mundial possui componentes imprevisíveis. O ministro da Fazenda, Pedro Malan, propôs que os candidatos à Presidência firmassem um pacto comprometendo-se a manter a política econômica. Mas, se a reeleição de Fernando Henrique e o sucesso da economia depender da adesão a esse pacto, o Planalto já pode se preparar para receber um outro presidente e o país para enfrentar o apocalipse.

— Não fomos nós que optamos por esse modelo. Alertamos para os problemas — diz a deputada Maria da Conceição Tavares (PT-SP), uma das mais respeitadas economistas da oposição.

— Quem é Malan para propor algo? Vamos dizer o que pensamos da política econômica, com a qual não concordamos. Isso já parece ser marketing de campanha do PSDB — reage o candidato do PT, Luiz Inácio Lula da Silva.

Para Brizola, estabilidade foi o que conseguiu Getúlio Vargas

O presidente do PDT, Leonel Brizola, faz coro com Conceição e Lula. Para ele, é discutível que a estabilidade proposta pelo Governo interesse à população, pois a fórmula para mantê-la implica desemprego, recessão e juros altos.

— Estabilidade econômica foi o que conseguiu Getúlio Vargas em seu governo. Porque fez estabilidade com emprego, legislação social, desenvolvimento, educação e saúde. É claro que todo mundo quer a moeda respeitada, mas não à custa desses sacrifícios para o povo brasileiro — critica Brizola.

Mas Governo e oposição concordam em alguns pontos. Como consequência da crise mundial, o Brasil tem que se proteger de um ataque especulativo. E está fragilizado pelo volume da sua dívida interna e pela dificuldade em corrigir o déficit na balança comercial. Mas os aliados de Fernando Henrique acham que o Governo está no rumo certo ao pregar as reformas constitucionais, que vão gerar economia para o país e possibilitar maior fôlego. Se não resolvem, elas sinalizam aos investidores externos a vontade de modernizar o país.

Os oposicionistas são mais apocalípticos: a crise é do modelo, é interna e aconteceria independentemente do que ocorre na Ásia. Para Conceição, se ela atingir também o Japão, "o Brasil estará ralado". Mas eles hesitam em apostar que a crise seja violenta a ponto de tirar a vitória de Fernando Henrique. Sem uma alteração no quadro político, só um grande desastre derrotaria o presidente, admitem. Para a oposição, o desastre virá, mas talvez Fernando Henrique tenha força para sobreviver a ele.

Yeda Crusius diz que Brasil pode resistir a ataque especulativo

— Todo mundo sabe que as soluções demandam tempo. O importante é o Governo sinalizar aos investidores o que o presidente Fernando Henrique pensa fazer nos próximos quatro anos. Essa é a importância das reformas. O Brasil corre o risco de um ataque especulativo, mas tem instrumentos para combatê-lo. Numa crise, a Organização Mundial do Comércio entenderá medidas que encareçam a entrada dos produtos importados e barateiem os nossos nas exportações — diz a deputada Yeda Crusius (PSDB-RS), ex-ministra do Planejamento no Governo Itamar Franco.

— Isso é discurso para americano ver — descarta Conceição Tavares.

Para ela, o Brasil entra frágil na disputa comercial porque supervalorizou a moeda com o Plano Real. Enquanto isso, países da Ásia e da Europa fizeram desvalorizações. Conceição é dura:

— Cada vez que desvalorizam a moeda, o real, que está ancorado ao dólar, se valoriza. E perde competitividade.

Nesse ponto, ela concorda com seu oposto, o deputado Delfim Netto (PPB-SP), que comandou a economia durante boa parte do regime militar. Para Delfim, o único país com chances reais de lucrar com a crise mundial é a China,

porque fez o contrário do Brasil: desvalorizou fortemente a sua moeda e apostou num modelo exportador.

— A partir de 85, o Brasil foi abandonando a política de exportação e a China, ao contrário, apostou numa forte desvalorização da moeda. O resultado é que as exportações brasileiras nesse período cresceram à taxa ridícula de 5%, enquanto as chinesas cresceram 16%. E isso, mantendo lá uma taxa de inflação de 2% a 3% ao ano — diz Delfim.

Para ele, o Brasil perdeu o momento de corrigir isso. Se desvalorizar agora a moeda, corre o risco de perder o controle e haver o efeito contrário. Isso poderia ser interpretado pelos investidores como gesto de fraqueza e ser a gota que falta para o ataque especulativo.

— É incrível a paciência da população com o Governo em nome da estabilidade da moeda — comenta Delfim.

Para Conceição, o sucesso de Fernando Henrique chegaria ao fim se a população percebesse que o custo da estabilidade são o desemprego e a política de juros altos. Brizola concorda. E, incrivelmente, de certa forma, também o PFL. Maior partido na base de sustentação do Governo, ao lado do PSDB, trabalha na formulação de uma política de ajustes na economia, que enfrente os pontos frágeis do modelo: a falta de

crescimento e a política de juros.

— Concordamos com os juros altos porque o Governo nos sinalizou que seria por curto prazo, para solucionar um problema imediato. Não dá para conviver com isso muito tempo — diz o deputado Benito Gama (PFL-BA).

Em março ou abril, o PFL vai concluir uma cartilha com propostas para diminuir o desemprego e melhorar a qualidade de vida da população. É, na prática, uma espécie de programa paralelo que o partido tentará fazer prevalecer. Uma das idéias já foi esboçada pelo seu líder na Câmara, Inocêncio de Oliveira (PE), na conversa que os líderes tiveram com Fernando Henrique terça-feira: desonerar os empregadores dos custos com o salário-mínimo. Segundo os cálculos do PFL, os empregadores pagam mais de um salário-mínimo em encargos por cada empregado que recebe esse valor. Se os encargos forem diminuídos, seria possível aumentar o mínimo.

O candidato a presidente pelo PPS, Ciro Gomes, também faz críticas.

— Dizer que a estabilidade depende de Fernando Henrique é uma fraude e um exercício de populismo autoritário, que nunca suspeitei que pudesse ser de sua personalidade e de seu discurso, mas é coerente com a descaracterização profunda que ele apresenta na Pre-

sidência — diz Ciro.

Ex-ministro da Fazenda no Governo Itamar Franco, ele insistiu no encontro com militantes do PV em São Paulo em que foi o gestor do Real, "não na hora boa em que ele (Fernando Henrique) pegou, mas na hora crítica". Para Ciro, o Governo chantageia e usa a crise internacional como âlibi para os problemas econômicos e sociais do país.

— A tese da campanha de Fernando Henrique é: "Eu sou o Real e se sair levo o Real". Depois diz que os problemas sociais (saúde, educação, reforma agrária) são problemas crônicos que não teve tempo para consertar. E os problemas econômico-sociais, como desemprego e queda do salário médio real, são resultados da crise internacional, dores do parto da modernização — denunciou Ciro, que quer se apresentar como alternativa a Fernando Henrique, que teria a imagem de "homem do Real" mas abandonou o social, e o candidato do PT, Luiz Inácio Lula da Silva, que representaria o inverso, preocupa-se com o social, mas vai enterrar o Real.

— Sou o homem capaz de oferecer o pós-Real, que pode fazer as pessoas entenderem que não há risco em se dar um passo adiante e construir uma equação para o desenvolvimento e o enfrentamento das questões sociais que não

AS REAÇÕES À PROPOSTA

"Não fomos nós que optamos por esse modelo. Alertamos para os problemas."

MARIA DA CONCEIÇÃO TAVARES • Deputada do PT

"Quem é Malan para propor algo? Vamos dizer o que pensamos da política econômica, com a qual não concordamos. Isso já parece ser marketing de campanha do PSDB"

LUÍZ INÁCIO LULA DA SILVA • Candidato do PT à Presidência

"Estabilidade econômica foi o que conseguiu Getúlio Vargas em seu governo. Porque fez estabilidade com emprego, legislação social, desenvolvimento, educação e saúde. É claro que todo mundo quer a moeda respeitada, mas não à custa desses sacrifícios para o povo brasileiro"

LEONEL BRIZOLA • Presidente do PDT

"Todo mundo sabe que as soluções demandam tempo. O importante é o Governo sinalizar aos investidores o que o presidente Fernando Henrique pensa fazer nos próximos quatro anos. Essa é a importância das reformas. O Brasil corre o risco de um ataque especulativo, mas tem instrumentos para combatê-lo. Numa crise, a Organização Mundial do Comércio entenderá medidas que encareçam a entrada dos produtos importados e barateiem os nossos nas exportações"

YEDA CRUSIUS • Deputada (PSDB-RS) e ex-ministra do Planejamento no Governo Itamar Franco

"Nós concordamos com os juros altos porque o Governo nos sinalizou que isso seria por curto prazo, para solucionar um problema imediato. Não dá para conviver com isso muito tempo"

BENITO GAMA • Deputado (PFL-BA).

"Dizer que a estabilidade depende dele, Fernando Henrique, é uma fraude e um exercício de populismo autoritário"

CIRO GOMES • Candidato do PPS à Presidência

"O ministro Malan fala em nome do Governo ou do FMI?"

ROBERTO REQUIÃO • Pré-candidato à Presidência pelo PMDB

"Não posso concordar com a abertura econômica selvagem que está sendo feita, mas sempre disse que o país tem que apoiar uma política de sustentação do Real"

JOSÉ SARNEY

PEDRO MALAN: autor da proposta de que a oposição se comprometa a manter a política econômica implementada por Fernando Henrique

comprometem o Real — disse ele.

Dois dos pré-candidatos do PMDB a presidente, os senadores Roberto Requião (PR) e José Sarney (AP), criticaram a proposta de Malan. Requião a ironizou, afirmando que não faz acordo com um Governo que vende o país.

— Não se faz pacto com um Governo que é a favor do contrato temporário de trabalho, que provoca o desemprego e o desespero do trabalhador. O ministro Malan não tem nada que se meter nessas coisas. Ele fala em nome do Governo ou do FMI? — provocou Roberto Requião.

Já Sarney disse que sempre foi favorável a uma política que preserve a estabilidade da economia e o Real. Mas argumentou que, apesar de concordar com a política geral do Governo, não pode aceitar a alta dos juros e a abertura econômica como está sendo feita.

— Não posso concordar com a abertura econômica selvagem que está sendo feita, mas sempre disse que o país tem que apoiar uma política de sustentação do Real — disse Sarney, que repreendeu Malan por uma citação equivocada do escritor Guimarães Rosa.

— O ministro tem que aprender a citar Guimarães Rosa. O escritor não disse que o mundo é perigoso e sim que viver é perigoso — disse Sarney. ■